

Meinacos oferecem uma visão cultural da Amazônia

INSTITUTO
DE DOCUMENTAÇÃO
FSP
Fonte
Data 28/8/2000 Pg 610
Class. MHR 00001

OS JAPONESES, graças ao patrocínio da Toyota e da Fujifilm, tiveram contato com uma exposição que revela a cultura mantida por um pequeno povo do Alto Xingu, os meinacos.

Esta grande exposição ainda é desconhecida da maioria dos brasileiros.

Ela contém, além de objetos e fotos, os trabalhos de um artista plástico surpreendente: Kamalá, um índio meinaco de uns 30 anos que produz seus quadros na aldeia com material que alguns amigos fazem chegar a ele, sob a recomendação de não deixar que as crianças sujem os desenhos nem que venham com nódoas de frutas.

Os meinacos ganharam também um belo livro, com texto de Paulo Pinagé, fotos de Vito D'Alessio e, como não poderia deixar de ser, com inúmeros desenhos de Kamalá.

Os brasileiros mereciam conhecer melhor essa riqueza cultural encravada no parque do Xingu, uma área de mais ou menos 30 mil quilômetros quadrados, zona de transição entre o Planalto Central e a Amazônia.

Os meinacos foram apresentados como índios da Amazônia, o que está correto, porque a região do Xingu tem diversas características existentes também na Amazônia, como a sua fauna (antas, porcos-do-mato, onças, capivaras, lontras e ariranhas).

Os índios do Xingu são mais conhecidos pela sua grande celebração, o quarup, quando todas as culturas xinguanas, com exceção dos trumais, homenageiam seus líderes mortos, sobretudo aqueles que deram grande contribuição à comunidade. A festa é aproveitada também por todas as famílias que perderam seus parentes, encerrando com isso o período de luto. Na verdade, o quarup é a representação do culto a Maiotvisinin, grande herói e origem da comunidade do Xingu.

Mulheres

A exposição que os japoneses viram não se limita a descrever as grandes cerimônias dos meinacos. Há um trabalho visual destinado a mostrar a vida na aldeia e seus pontos centrais, por exemplo, a casa dos homens, onde está guardada a flauta uruá, que mede cerca de dois metros.

As mulheres não podem entrar na casa dos homens e, ao que parece, o castigo pela transgressão é tornar-se uma espécie de mulher de todos.

Mas, quando os homens tocam flautas, elas vão atrás deles, colocando a mão no ombro dos tocadores.

Imagino que o que deve ter impressionado mais os japoneses é a luta clássica do Xingu, uma luta de caráter intertribal semelhante ao sumô.

Os índios, pelo peso diferente, têm mais mobilidade que os lutadores japoneses e dão gritos antes da luta, para marcar o início do confronto. Um campeão de uka-uka é supervalorizado pelas mulheres.

As semelhanças com o sumô ou com uma luta greco-romana param por aí. A cultura dos meinacos tem suas particularidades.

Os lutadores, por exemplo, não dormem na noite anterior ao confronto. A idéia por trás da vigília é a de evitar os maus sonhos, porque maus sonhos podem se transformar em realidade.

Além dessa precaução, untam o corpo com uma poção feita de unha de tatu-canastra, porque acreditam que isso transfere para eles a força do animal.

Internacionalização

Só mesmo vendo a exposição ou o próprio livro, também patrocinado pela Fujifilm e pela Toyota, para ter uma idéia da riqueza da cultura dos meinacos e refletir um pouco sobre o silêncio brasileiro e sobre a diversidade de visões de mundo no território nacional.

Uma vez, quando visitei o México e entrevistei o presidente Salinas, atualmente exilado por corrupção, percebi como os mexicanos davam importância à exposição sobre a cultura mexicana que estava para ser inaugurada nos Estados Unidos. Era um instrumento chave na sua diplomacia.

Guardadas as proporções, o Brasil teria condições de produzir uma gigantesca mostra de sua diversidade cultural. No entanto as coisas por aqui não são aproveitadas como poderiam ser.

Para ter uma idéia, existe um certo consenso entre os editores de jornais, que acreditam que matérias sobre índios são chatas e que ninguém se interessa por elas.

Nada contra o fato de que as multidões encham os museus para conhecer a arte espanhola ou visitar qualquer mostra de um pintor ocidental moderno.

No entanto, em 1992, chegamos à conclusão, no Fórum Global, de que a diversidade das culturas era tão importante para nossa sobrevivência quanto a diversidade das espécies.

Um dos grandes pavores dos nacionalistas é o da internacionalização da Amazônia. No que diz respeito ao interesse pelas culturas amazônicas, a internacionalização é um fato.

O caminho para recuperar o equilíbrio é abrir espaço para o Brasil e para as culturas que aqui florescem, atrair os olhares fixados em Nova York, Londres e Paris e romper com o nosso provincialismo.